

"Não tenho passado, não sei o que fiz. Sei que ela (a filha, que hoje tem 15 anos) nasceu um dia, porque está aqui, mas não me lembro do nascimento e isso me entristece"

"Já pedi a Deus para devolver a memória em troca do resto. Me tire os movimentos, a fala, tudo, mas me dê a memória, porque ninguém é nada sem ela"

"Não fumo (eram quatro carteiras por dia), não tomo leite nem como carne (adorava peixe e churrasco). Não suporto música, tolero se for baixinho (tocava violão para a filha cantar - Márcia faz canto na Escola de Música)"

"Sinto cheiros, gostos e me falta a memória, mas não desisto de lutar por ela. Minha esperança não morre nunca"

"Passei noites lendo. Li o Dicionário Aurélio três vezes e oito diferentes edições da Bíblia. No começo, toda palavra para mim era nova, eu precisava saber o que ela queria dizer. Leia, leia sempre; nunca pare de ler"

Márcio, 44 anos de idade, três de vida

A triste história do homem que ficou sem memória após um aneurisma

JOSÉ LUIZ OLIVEIRA

No seu regresso à vida, de onde fora arrancado 13 dias antes por um aneurisma cerebral, Márcio Araújo Motta Filho, então com 40 anos e 11 meses, abriu os olhos para uma silhueta embaçada. Um par de olhos por trás de estranho engenho de lentes e hastes. Era, para ele, a primeira imagem do mundo. Márcio voltava à vida pelas mãos do neurocirurgião Ronaldo Sérgio Santana Pereira, responsável pela delicadíssima cirurgia que removeu a bomba instalada no lado esquerdo da cabeça.

Só muitos meses depois, quando reaprendeu a falar, ler e ouvir, Márcio ficou sabendo que o vulto e a engenhoca tinham nomes – rosto e óculos. Começava naquela manhã de fevereiro de 2000, dia 3, a mais dura e dolorida das lutas do habilidoso jogador de dardos; do homem que entendia tudo de computador; que dava consultoria e assistência técnica em eletroeletrônicos; que tocava violão, cavaquinho e baixo; que gostava de pescaria e churrasco.

Márcio tinha de apreender tudo de novo. Aprender que era casado com Maria Cândida e pai de uma menina com pouco mais de 11 anos, Márcia Motta. Quando elas chegaram ao hospital para buscá-lo, encontraram um bebê de quase 41 anos em pé no canto da sala, assustado. Ele mesmo arrumara suas roupas numa sacola, mas hoje, três anos e três meses depois, não se lembra. Houve um hiato, que ele não sabe de quantos dias ou horas, entre a imagem do rosto embaçado e a porta do elevador se fechando. Aquela coisa (aprendeu depois que era elevador) foi o primeiro dos muitos medos que Márcio iria enfrentar.

A certidão de nascimento, lavrada na cidade de Taguariáiva, Paraná, atesta que ele já passou dos 44 anos de idade ("Nascido aos 27 de fevereiro de 1959"). Mas de vida, mesmo, só tem três anos e três meses.

"Ele achava tudo esquisito: os ruídos, os prédios, os carros cruzando. Ficou encolhido no banco atrás, assustado"

Maria Cândida, a mulher

Reaprendendo tudo

Márcio saiu do hospital sem saber falar, mas via e ouvia. E andava com certa dificuldade. Uma vitória e tanto para quem esteve de mãos dadas com a morte. Foi colocado quase à força no carro que o levou para a casa do sogro, em Sobradinho. O automóvel foi o segundo medo. Um medo que durou todo o trajeto. "Achava tudo esquisito: os ruídos, os prédios, os carros cruzando", conta. "Ele ficou encolhido no banco atrás, assustado", lembra Cândida.

Instalado na casa do sogro, para fugir das escadas do prédio onde morava, no Cruzeiro, Márcio foi apresentado à família. "Esta é minha mãe, sua sogra", dizia Cândida, abraçada a dona Nair. Mãe? Sogra? "Podia dizer qualquer outra palavra, porque, para mim, não fazia diferença", lembra. Todos os dias, dona Nair sentava-se à beira da cama para lhe contar histórias da Bíblia. "Isso me ajudou muito, foi me despertando", conta Márcio. A partir daí, já articulando algumas palavras, iniciou uma dramática e comovente luta para compreender o mundo. Lugar de coisas estranhas, como os cães do sogro – o terceiro medo da nova vida – e o avião, que viu pela primeira vez voando sobre o Riacho Fundo. O quarto medo, o maior de todos.

Mas foi em casa, no apartamento do Cruzeiro, para onde voltou assim que pôde caminhar com desenvoltura, que Márcio viveu os dias mais angustiantes. Com a ajuda da mulher e da filha, aprendeu a ler e a escrever. Não conseguiu, entretanto, recordar a vida de antes. Recorreu aos álbuns de família, fitas de vídeo, agenda. Em vão. A porta do passado, essa ele não conseguiu abrir.

Dr. Saúde



FOTOS: DAVI ZOCOLI

O menino Jorge, de 2 anos, é o melhor amigo

Diante da tevê, sentado no chão, Márcio aprendeu a esculpir animais em barras de sabão. Algumas dessas esculturas estão na estante da sala, outras ele deu a um amigo: Jorge, dois anos e meio, filho do vizinho.

"Esse menino é a melhor coisa que apareceu. A gente brinca muito no corredor com os carrinhos de garrafa que fiz pra ele", revela. Ele ainda sente dificuldades com algumas palavras. Falando, parece um estran-

geiro. Sobre os prazeres da vida, confunde-se ao citá-los. Não sabe o que a palavra prazer significa. "É uma coisa parecida com saber?". Dúvida desfeita, responde sem rodeios. "Gosto do que faço e vejo."

Choro denuncia angústia

Às vezes, Márcio lembra Santo Agostinho quando fala do tempo passado. Já que não lembra de nada, "o melhor é deixar tudo enterrado". Agostinho ensina que se pode medir o tempo que está passando, "mas se já é passado não se pode mais medir, porque não existe". O passado, no raciocínio do filósofo, é o presente assentado na memória – a memória que falta a Márcio.

Apagaram-se os tempos de gerência no Palm Tree Tavern, na 408 Sul, onde reuniam-se

as feras do dardo – ele era uma delas –, sumiram os churrascos, as longas pescarias nos rios de Goiás, a festa de casamento e os canários belgas.

Márcio fala em deixar tudo enterrado, mas no fundo da alma não é isso que quer, como sinaliza o lenço branco de frisos azuis que leva aos olhos amiúde. Chora como um menino, o que não significa manifestação de fraqueza. Aquiles, o mais forte e destemido dos guerreiros, chorou quando lhe tiraram Criseida.

A DOENÇA

Em cada 10 casos, 3 mortes

O aneurisma de Márcio tinha entre um e 2,5 centímetros, considerado grande. Não chegou a estourar – o que seria fatal –, como ocorre em 30% dos casos, segundo o neurocirurgião Ronaldo Sérgio, mas sangrou o bastante para provocar uma dor insuportável.

Era 21 de janeiro de 2000. Márcio, a mulher e a filha haviam acabado de chegar da casa do sogro. Primeiro, a dor nas costas, depois a cabeça, como uma panela de pressão. A caminho do HFA, perdeu a consciência.

Transferido para o Hospital de Base de Brasília, ficou sob os cuidados de Ronaldo Sérgio, especialista formado no próprio hospital e pós-graduação no New Castle General Hospital (Inglaterra).

Ironia falar de sorte, mas foi. O hospital é referência em neurocirurgia, com cerca de 200 intervenções por ano; e Ronaldo Sérgio, um dos mais respeitados cirurgiões, com mil cirurgias de aneurisma.

Ler, seu maior conforto

Márcio dormia pouco. Passava as noites lendo. Leu o Dicionário Aurélio três vezes e oito diferentes edições da Bíblia. "Toda palavra para mim era nova, eu precisava saber o que ela queria dizer", relembra. A leitura era distração e caminho naqueles dias de busca desesperada por uma fresta, um fio de luz que lhe permitisse arrombar a porta e entrar no passado. "Leia, leia sempre; nunca pare de ler", aconselha Márcio. Mais do que ninguém, ele sabe que o livro abre os olhos, liberta e ampara a alma.

Quando sentiu a língua um pouco mais solta, pegou a agenda e disparou telefonemas na tentativa de desatar a memória. Inútil. Hoje, está mais resignado. Chega a dizer que é melhor, que não quer saber de parentes. Não sentirá saudades da mãe nem dos irmãos, que moram no Paraná, pois não se lembra deles. Nem dos amigos que estão na agenda. Sentiu falta, isto sim, de uma visita. De alguém que perguntasse: "O que é que eu posso fazer por você?" Isso, diz Márcio, seria o bastante.

"Eu não preciso de dinheiro, nem de bens materiais; só queria essa demonstração."

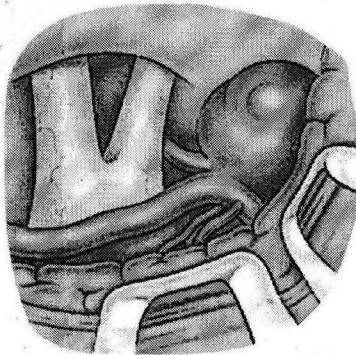
Se ainda fosse dono da memória passada, Márcio se lembraria de que muitos de seus colegas da extinta SAB, onde trabalhava quando foi abatido pelo aneurisma, estiveram no hospital para vê-lo.

Dominada a escrita e a leitura, Márcio pulou para o microcomputador e em pouco tempo recuperou o domínio sobre a máquina. É lá que ele vive as noites, muitas vezes até o sol nascer. Mas não gosta da internet. Dedica-se a passar livros e enciclopédias para disquetes: "Com isso a gente vai aprendendo." Graças aos conhecimentos de informática, trabalha como voluntário no Hospital das Forças Armadas.

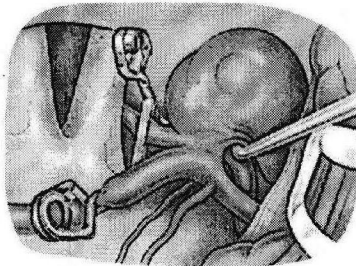
Motorista com habilitação "D", Márcio teve de percorrer o caminho de um iniciante para voltar a dirigir. Com uma dificuldade a mais: a auto-escola só o aceitou depois que ele conseguiu uma licença do Detran. Dirige tão bem quanto antes, mas não se aventura por caminhos estranhos. Não saberia voltar para casa.

A CIRURGIA PASSO A PASSO

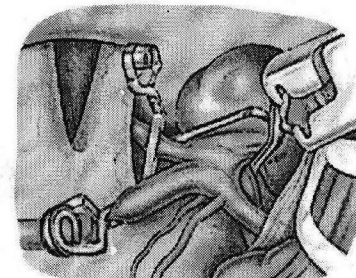
■ A bolha à direita é o aneurisma arterial. Aqui a cabeça já está aberta e o caminho livre para se chegar a ele. Os dois instrumentos brancos são grampos utilizados para deixá-lo bem à vista.



■ Aqui o médico já isolou o aneurisma com a colocação de cliques nas artérias. É um processo delicadíssimo porque se trabalha entre artérias e nervos, entre eles o nervo responsável pela visão.



■ Com a bolha isolada, o médico inicia a "clipagem". Mais uma fase que exige extrema habilidade. Se o aneurisma estoura, o paciente pode morrer. O clipe de titânio é colocado na base da bolha.



■ O aneurisma já está "clipado" e drenado. Como um balão que perde ar, murcha. O paciente está salvo e o clipe fica lá para o resto da vida. À esquerda, em forma de "V", está o nervo ótico.

